

As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Documentos 192

As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida

Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Dalva Maria Mota
Josué Francisco da Silva Junior
Daniel Luís Mascia Vieira
Emanuel Oliveira Pereira
Jane Velma dos Santos Brito
Nádia Santos de Jesus

Aracaju, SE

Dezembro/2015

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Av. Beira Mar, 3250, CEP 49025-040, Aracaju, SE
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
cpatc.sac@embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Comitê Local de Publicações da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Presidente: *Marcelo Ferreira Fernandes*

Secretária-executiva: *Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues*

Membros: *Alexandre Nizio Maria, Ana da Silva Lédo, Ana Veruska Cruz da Silva Muniz, Élio César Guzzo, Hymerson Costa Azevedo, Josué Francisco da Silva Junior, Julio Roberto de Araujo Amorim, Viviane Talamini e Walane Maria Pereira de Mello Ivo*

Supervisão editorial: *Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues*

Projeto gráfico e editoração eletrônica: *Joyce Feitoza Bastos*

Ilustração da capa: *D'Arcy Albuquerque*

1ª Edição (2015)

On line (2015)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Tabuleiros Costeiros

As catadoras de mangaba em defesa dos seus modos de vida. /

Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues ... [et al.] – Aracaju :

Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2015.

55 p. (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1678-1953; 192).

1. Catador. 2. Extrativismo. 3. Mangaba. 4. Fruta tropical. 6. Modo de vida. 7. Comunidade rural. 8. Sergipe. I. Rodrigues, Raquel Fernandes de Araújo. II. Salvador, Alícia Santana. III. Mota, Dalva Maria da. IV. Silva Junior, Josué Francisco da. V. Vieira, Daniel Luís Mascia. VI. Pereira, Emanuel Oliveira. VIII. Brito, Jane Velma dos Santos. IX. Jesus, Nádia Santos de. X. Série.

Autores

Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues

Bacharel em Comunicação Social, Mestre em Agroecossistemas, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE

Dalva Maria da Mota

Pedagoga, doutora em Sociologia, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Josué Francisco da Silva Junior

Engenheiro-agrônomo, mestre em Recursos Genéticos, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Recife, PE

Daniel Luís Mascia Vieira

Ecólogo, doutor em Ecologia, pesquisador da Embrapa Recursos Genéticos, Brasília, DF

Emanuel Oliveira Pereira

Engenheiro-agrônomo, mestre em Agroecossistemas, perito federal agrário do Instituto de Desenvolvimento e Reforma Agrária (Incra/SE), Aracaju, SE

Jane Velma dos Santos Brito

Bióloga, mestre em Agroecossistemas, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS/SE), Aracaju, SE.

Nádia Santos de Jesus

Bacharel e licenciada em Ciências Sociais, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Aracaju, SE

Colaboradora

Alicia Santana Salvador

Catadora de mangaba, presidente do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM), Indiaroba, SE

Apresentação

O objetivo deste documento é divulgar as atividades e diálogos realizados no II Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, sob o tema “As catadoras de mangaba: em defesa dos seus modos de vida”, nos dias de 07 e 08 de abril de 2009, no Hotel D’Burguês, em Aracaju, SE, com a presença de 116 participantes.

O II Encontro é uma das ações componente das estratégias interinstitucionais para a persistência da atividade extrativista da mangaba em Sergipe, elaboradas pelo Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM) e instituições parceiras na reunião realizada em 23 de julho 2008, no Auditório do Ministério Público Federal em Sergipe (MPF-SE)

Essa iniciativa estimulou o Estado, por meio de suas instituições e técnicos, a reforçar o diálogo com as catadoras de mangaba, reconhecendo-as como uma categoria social, respeitando seus modos de vida, para que em parceria encontrem o caminho da sustentabilidade e da melhoria da qualidade de vida dessas comunidades.

Desejamos que este documento contribua para chamar a atenção para um grupo social que enfrenta crescentes dificuldades de acesso aos recursos naturais essenciais para a manutenção de seus modos de vida.

Boa leitura!

Manoel Moacir Costa Macêdo

Chefe-geral da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Sumário

As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida.....	7
Introdução.....	7
Dia 07 de abril de 2009 – manhã	10
Conferência de abertura	
Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – Kátia Favilla (CNPCT)	10
Manifestações gerais da plenária.....	11
Mesa Redonda 1	
O extrativismo da mangaba em Sergipe: acontecimentos recentes.....	13
Manifestações gerais da plenária.....	21
Dia 07 de abril de 2009 – tarde	23
Mesa Redonda 2	
Experiências de Comunidades Extrativistas em Unidades de Conservação e Assentamentos.....	23
Trabalhos em grupo: prática e identidade coletiva	27
situação do extrativismo da mangaba em Sergipe: o que dizem as catadoras de mangaba e seus parceiros	27
Dia 08 de abril de 2009 – manhã	47
Socialização: relatos e musicalidade	47
Relatos dos trabalhos por grupo.....	47
Manifestações gerais da plenária.....	47
Composição do “Hino das Catadoras de Mangaba”	48
Preparativos	53
Eleição da nova diretoria do MCM	53
Reflexões finais.....	55
Anexos	
Identidade visual do evento	
Lista de presença	
Minuta da Ata da Assembleia Geral Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM)	
Galeria de imagens	

As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida

Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues

Dalva Maria Mota

Josué Francisco da Silva Junior

Daniel Luís Mascia Vieira

Emanuel Oliveira Pereira

Jane Velma dos Santos Brito

Nádía Santos de Jesus

Introdução

A mobilização das catadoras de mangaba, iniciada com a realização do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, em 2007, favoreceu a visibilidade das mulheres extrativistas enquanto categoria social. Concomitantemente, atores identificados pelas catadoras de mangaba como seus oponentes intensificaram o processo de cercamento e derrubada da vegetação nativa diante do temor de desapropriação por interesse social dos territórios tradicionalmente ocupados.

Mediante tal iniciativa, as ameaças aos seus modos de vida foram conhecidas por várias instituições envolvidas com a temática do extrativismo, povos e comunidades tradicionais e conservação do meio ambiente.

As catadoras de mangaba são mulheres que dividem seu tempo de trabalho entre os afazeres domésticos e a coleta de recursos vegetais nativos e de produtos oriundos dos manguezais. A maior parte são companheiras de pescadores artesanais, que, segundo as catadoras, também passaram a sofrer restrições para acessar os portos, necessários para a prática da pesca.

Diante dessas ameaças e conflitos, em 2008, o MCM enviou uma carta denúncia ao Ministério Público Federal de Sergipe (MPF-SE), que

desencadeou no documento “Estratégias de ações para a conservação do extrativismo da mangaba em Sergipe”. Esse documento foi elaborado pelo MCM e instituições parceiras, onde se comprometeram a realizarem o II Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, entre outras atividades.

O MCM realizou o II Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, com o apoio da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Embrapa Amazônia Oriental, Prefeitura Municipal de Barra dos Coqueiros, Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh-SE), Secretaria de Estado da Inclusão Social, Assistência e Desenvolvimento Social (Seides-SE), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra-SE), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Secretaria de Estado do Turismo de Sergipe (Emsetur) e Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo como objetivos discutir os problemas enfrentados pelas catadoras e delinear ações para dar continuidade ao processo de mobilização política em defesa do extrativismo da mangaba.

Os parceiros atuaram como assessores técnico-científicos do MCM na elaboração da programação, seleção dos expositores, mobilização dos participantes extrativistas, elaboração de logo e peças promocionais, divulgação na mídia, bem como com aportes financeiros para a realização do II Encontro. As despesas de deslocamento, alimentação e hospedagem de pesquisadores e técnicos de outros estados foram pagas por suas instituições de origem, a exemplo da Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) que custeou a participação da conferencista de abertura e do ICMBio que garantiu a presença de uma de suas especialistas em unidades de conservação (UCs). A passagem aérea de um dos expositores foi custeada pelo Ibama-SE. A Seides-SE foi responsável pelo pagamento do espaço para a realização do evento, incluindo salas e auditório, alimentação (três refeições e dois lanches) e hospedagem para as (os) extrativistas de mangaba. O transporte das catadoras e catadores de mangaba foi custeado pela Embrapa, Emsetur e Incra. A Prefeitura Municipal de

Barra dos Coqueiros patrocinou a impressão das peças promocionais (folders e cartazes).

O evento contou com a participação de diferentes extrativistas de mangaba (mulheres e homens autodenominados catadoras e catadores de mangaba, com e sem terra), pesquisadores e técnicos, secretário municipal e proprietário de terra. Os participantes socializaram as suas experiências com o extrativismo da mangaba em Sergipe considerando o acesso aos recursos naturais, ameaças, conflitos, oportunidades de conservação dessa atividade, bem como, a atuação político-institucional do MCM, nos últimos dois anos.

A programação do II Encontro foi composta por uma conferência de abertura, mesas redondas, trabalhos em grupos, plenárias e assembleia geral do MCM. A participação das catadoras de mangaba se deu como coordenadoras e expositoras em mesas redondas, nas plenárias e nos trabalhos em grupos. Os pesquisadores e técnicos apoiaram as catadoras de mangaba nas atividades de coordenação, registro textual e fotográfico do evento, além de compartilharem suas pesquisas e observações sobre o extrativismo da mangaba no Brasil, especialmente em Sergipe.

Este documento registra as atividades e conteúdos de acordo com a ordem cronológica do II Encontro das Catadoras de Mangaba. Por fim, os autores refletem sobre as experiências de acesso aos recursos e político-institucionais do público extrativista presente, frente à conservação das áreas de ocorrência da mangabeira e modos de vidas das comunidades locais envolvidas com a coleta da mangaba em Sergipe.

Dia 07 de abril de 2009 – manhã

Conferência de abertura

Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – Kátia Favilla (CNPCT)

A conferencista Kátia Favilla é a Secretária-Executiva da CNPCT e membro da Diretoria de Extrativismo da Secretaria de Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente. Seguem os principais pontos apresentados pela conferencista:

Povos e Comunidades Tradicionais são entendidos como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

A CNPCT reconhece como povos e comunidades tradicionais os povos indígenas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, atingidos por barragens, fundo de pasto, faxinais, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, paraieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varjeiros, pantaneiros, geraizeiros, veredeiros, caatingueiros, e barranqueiros e catadoras de mangaba. Ocupam aproximadamente cerca de ¼ do território nacional e correspondem a 5 milhões de famílias, ou seja, 25 milhões de pessoas.

Instituída em 7 de fevereiro de 2007, por meio do Decreto 6.040, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) tem por objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

Atua em quatro grandes eixos estratégicos: i) acesso aos territórios tradicionais e aos recursos naturais; ii) infraestrutura básica adequada; iii) inclusão social; iv) fomento e produção sustentável. Atualmente, o principal desafio é construir banco de dados sociodemográficos, georeferenciados, sobre os povos e comunidades tradicionais, a partir de um enfoque geoétnico, cruzando dados do governo, academia e de organizações sociais de apoio a esses segmentos sociais.

Manifestações gerais da plenária

- A coordenadora da mesa, Raquel Fernandes, colocou à disposição da CNPCT o Mapeamento do Extrativismo da Mangaba em Sergipe, realizado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros e parceiros, para auxiliar na construção do banco de dados sociodemográficos. Raul Dantas, pesquisador do convênio Embrapa/Emdagro, também disponibilizou dados oriundos de pesquisas realizadas no Litoral Sul de Sergipe sobre a cultura da mangaba.
- Raquel perguntou à palestrante o que significa para as catadoras de mangaba o reconhecimento pela CNPCT e como essas catadoras podem acessar os programas da PNPCT. Alicia Salvador, presidente do MCM, questionou como a Comissão pode interferir na preservação das mangabeiras e na garantia do acesso às terras.
- Kátia explicou que a CNPCT é composta por 15 membros de órgãos governamentais e 15 membros da sociedade civil, e orientou que o MCM encaminhe uma carta ao Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), representante das comunidades extrativistas na Comissão, descrevendo a problemática das catadoras.
- Dalva Mota, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, afirmou que a CNPCT precisa pensar sobre a sua atuação quanto à problemática enfrentada pelas catadoras de mangaba. Durante a 6ª. Reunião Ordinária da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, realizada em dezembro de 2007, em Salvador, BA, o MCM solicitou a inclusão das catadoras de mangaba no rol das comunidades tradicionais. A plenária aceitou a solicitação unanimemente, inclusive com

depoimentos de vários representantes de povos tradicionais.

A mesa acatou a decisão da plenária, mas orientou que as catadoras fizessem essa solicitação por escrito. Não obtendo resposta à primeira carta enviada via correio, o MCM entregou uma segunda carta nas mãos da então Chefe do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPCT), Célia Pereira. Infelizmente, o MCM continua sem resposta. Esperava-se que a coordenadora do Agroextrativismo do Ministério do Meio Ambiente, esclarecesse, na conferência de abertura do II Encontro, as razões dessa falta de diálogo entre a Comissão e o MCM. Apesar de ter sido convidada, ela justificou a ausência e não participou do evento.

- Kátia retomou a palavra expondo as dificuldades que a CNPCT tem enfrentado com a descontinuidade de ações e a dificuldade de recursos para viabilizar as reuniões entre todos os membros. Comprometeu-se de expor as reivindicações das catadoras, mas informou que em breve haverá mudanças na composição da CNPCT e que, provavelmente, não continuará fazendo parte da Comissão. A plenária recebeu a notícia com desânimo.

Mesa Redonda 1

O extrativismo da mangaba em Sergipe: acontecimentos recentes

Coordenação

Jane Velma dos Santos Brito

Prefeitura Municipal da Barra dos Coqueiros, SE

Participantes

Alícia Santana Salvador

Catadora de mangaba, Indiaroba, SE (Presidente do MCM)

Maria Domingas (Ninha)

Catadora de mangaba, Pirambu, SE (membro do MCM)

Patrícia Santos Jesus

Catadora de mangaba, Barra dos Coqueiros, SE (membro do MCM)

Maria Floraci Ramos Chagas (Isa)

Catadora de mangaba, Japoatã, SE (membro do MCM)

Josué Francisco da Silva Junior

Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Daniel Luís Mascia Vieira

Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Nesta mesa redonda, foram apresentadas palestras de pesquisadores e realizados pronunciamentos das catadoras de mangaba sobre os acontecimentos ocorridos em Sergipe, envolvendo a conservação da mangabeira e as catadoras de mangaba desde o Encontro de 2007.

Alícia Santana Salvador

A presidente destacou que a situação das catadoras de mangaba é precária. O maior problema é a intensificação da colocação de cercas em áreas que até pouco tempo eram de acesso livre para a comunidade coletar mangaba. Essa situação se agravou a partir de 2007, com a criação do MCM. Segundo Alícia, os proprietários entenderam que as catadoras estavam se organizando com o objetivo de desapropriarem as suas terras. “Está cada vez mais difícil catar mangaba, pois os donos não deixam”.

O desperdício de frutos durante a safra também foi apontado como um problema para o povoado Pontal, em Indiaroba, SE. O MCM solicitou de todas as instituições envolvidas ações para amenizar esse problema, mas até o momento não houve resposta. A Seides-SE sinalizou para a possibilidade de as catadoras do Pontal serem contempladas com cursos de capacitação em culinária de produtos à base de mangaba, por meio da Coordenadoria de Políticas para as Mulheres. “Nós queremos uma indústria de polpas. As catadoras de mangaba de Pontal também têm interesse em fazer outros produtos com a mangaba, como as catadoras de mangaba da Barra, mas até o momento não tivemos a oportunidade”.

Maria Domingas (Ninha)

Ninha explicou que a situação no povoado Alagamar, Pirambu, SE, não é diferente. Está cada vez mais difícil. Não tem onde pegar mangaba. As catadoras estão produzindo doces, bombons, mas é necessário o contato com a Seides-SE para que haja a disponibilização de mais recursos, construção de fábricas de polpas para não haver perda da fruta.

Patrícia Santos Jesus

“O Movimento das Catadoras de Mangaba está correndo”. Foi assim que Patrícia Jesus iniciou a sua fala. Informou que após o I Encontro, o MCM se reuniu para discutir as estratégias de encaminhamento das reivindicações para as principais instituições de Sergipe. Decidiu-se que o MCM enviaria uma carta denúncia ao Ministério Público, descrevendo toda a problemática do extrativismo da mangaba em Sergipe. Essa carta desencadeou no documento “Estratégias Interinstitucionais para a Conservação da Atividade Extrativista da Mangaba em Sergipe”, elaborado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros, MCM, Incra-SE, Ibama-SE, Semahr-SE, Seides-SE, ICMBio e Administração Estadual do Meio Ambiente de Sergipe (Adema-SE). O grupo de trabalho elegeu o corte das mangabeiras como problema prioritário, recomendando a construção de uma proposta para criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável e de Projeto de Lei que proíba a derrubada das

plantas. Para subsidiar essas propostas, iniciou-se o mapeamento da atividade extrativista em Sergipe, buscando, em pesquisas anteriores e em visitas a campo, identificar as áreas de ocorrência natural, o número de famílias extrativistas, os conflitos, as ameaças e as reivindicações entorno dessa problemática.

Paralelamente, foi estabelecido contato com os proprietários em relação ao acesso às plantas. Mas, ainda segundo Patrícia, há muita dificuldade para estabelecer parcerias. No Município de Barra dos Coqueiros, no Sítio São José do Arrebancado, conhecido como Sítio Filizola, as catadoras de mangaba têm permissão para coletar desde que paguem R\$2,50 por balde de frutos colhido.

Patrícia informou que houve uma reunião com a Seides-SE, onde foram apresentadas as demandas de cada município. Foi estabelecida a necessidade de criação de unidades de produção em Barra dos Coqueiros, Indiaroba, Japaratuba e Pirambu.

Sobre as catadoras de mangaba de Barra dos Coqueiros, Patrícia disse que elas estão organizadas no sentido de viabilizar uma associação. E, foi realizado com as catadoras um curso de doces com vistas à produção de geleias, bombons e outros produtos com mangaba. Agradeceu às instituições envolvidas no projeto, disse que há muita dificuldade na locomoção das catadoras de outros povoados para participar dos cursos. Mas, que estão lutando para que sejam viabilizados cursos em outras áreas. Destacou que para receber as unidades de produção é necessária a criação de associações com documentação em dia.

Patrícia também destacou que participou de um encontro de etnobiólogos, agricultores familiares, dentre outros e que este momento possibilitou a troca de experiências. Considerou o evento como fundamental para que as catadoras e a atividade fossem visibilizadas em outras áreas.

Por fim, Patrícia informou sobre a realização do I Natal das Catadoras de Mangaba, em dezembro de 2008, no Município de Barra dos Coqueiros, SE, organizado pelo MCM e instituições parceiras.

Maria Floraci Ramos Chagas (Isa)

Maria Floraci iniciou sua fala destacando o sofrimento das catadoras de mangaba, devido à dificuldade de acesso às áreas com mangaba. As árvores estão sendo cortadas pelos novos proprietários para o plantio de eucaliptos na região e as catadoras estão perdendo o espaço, disse ela.

Finalizou agradecendo aos pesquisadores pelo trabalho, pois “as catadoras de mangaba estão sendo vistas, tanto pelos ricos como pelos pobres, pelo seu trabalho”.

Josué Francisco da Silva Junior

A apresentação tratou de realizar um histórico, desde 2002, sobre o envolvimento de todos os atores e suas atividades em prol da conservação das áreas naturais de mangabeira e da população tradicional de catadoras de mangaba. Abordou os antecedentes até a formação do grupo de trabalho pelo MPF-SE.

Josué Silva Junior iniciou sua exposição apontando como fatos mais relevantes: as pesquisas da Embrapa com a conservação da mangabeira e início dos trabalhos com populações tradicionais (projetos concluídos e em andamento); os primeiros artigos sobre as catadoras de mangaba com repercussão nacional; as visitas para mapeamento das áreas naturais de mangabeiras no Brasil (Nordeste e Pará); a realização de estudos sociológicos das populações de catadoras com mais de 300 entrevistas; a composição da equipe, caracterizada por diferentes profissionais de várias áreas de trabalhos e instituições do Nordeste e do Pará; o levantamento e observações dos problemas comuns em todos os lugares visitados.

A partir da realização das expedições e visitas às comunidades e remanescentes, observou-se que havia uma necessidade desta população tradicional se organizar em prol da conservação das áreas naturais e do seu modo de vida secular. Algumas ações foram iniciadas pela equipe de pesquisadores:

- Realização do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, em 2007, Aracaju, SE.
- Fundação da Comissão de Mobilização das Catadoras de Mangaba pelas próprias catadoras durante o evento superacitado, que deu origem ao MCM, em 2007.
- Elaboração da Carta Aberta das Catadoras de Mangaba de Sergipe para a CNPCT e instituições ligadas à mangaba.
- Participação das catadoras e equipe da Embrapa na Reunião da CNPCT, realizada em Salvador, BA, em 2007.
- Realização de Capacitações Solidárias das Catadoras de Mangaba em Barra dos Coqueiros, Indiaroba e Pirambu, SE, em 2008.
- Ações paralelas dos parceiros (Incra-SE e Ibama/ICMBio) também foram levadas a cabo, visando à discussão para criação de Unidades de Conservação que garantissem a proteção das mangabeiras e das populações de catadoras.
- Intervenção do MPF-SE, a partir da Carta Aberta com as reivindicações e de carta específica do MCM, em 2008.

Josué Silva Junior destacou os dois itens mais importantes dessa carta: as ameaças e as reivindicações.

Ameaças:

- Construção de viveiros de camarão.
- Expansão dos cultivos de coqueiro, cana-de-açúcar e eucalipto.
- Corte das mangabeiras para impedir que as catadoras entrem nas propriedades particulares.
- Expansão das construções e loteamentos nas áreas de mangabeiras.

Reivindicações:

- Garantia de livre acesso às áreas de mangabeiras (compara de áreas nativas pelo governo e direito das catadoras catarem mangaba onde sempre cataram).
- Proibição do corte e queima das mangabeiras.
- Participação das catadoras nas discussões sobre a comercialização (“as catadoras querem ser ouvidas”).
- Formação de um grupo de representantes das catadoras.
- Garantia de salário na entressafra da mangaba (“Defeso da Mangaba”).
- Políticas para conservação da natureza (mangaba, murici, licuri, cajueiros, manguezais).
- Estimular as catadoras que já têm terra a plantarem mais mangabeiras.

Daniel Luís Mascia Vieira

A apresentação trouxe um relato das atividades de pesquisa realizadas nos últimos oito meses por uma equipe constituída pelo MPF-SE para a construção de uma proposta para a conservação da atividade extrativista da mangaba. Segundo Daniel Vieira, a equipe foi composta por técnicos da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Incra-SE, Ibama-SE, Semarh-SE, Seides-SE, ICMBio-Sede e Adema-SE. Essa equipe de técnicos ouviu do MCM seus principais problemas e reivindicações e então realizou uma oficina para construção da proposta.

Daniel Vieira apresentou as principais reivindicações das catadoras, na época da realização do mapeamento. Assim, a equipe técnica discutiu cada uma das reivindicações e encaminhou ao MPF-SE as recomendações geradas na oficina de trabalho.

Algumas reivindicações que demandaram apenas discussões pela equipe foram apresentadas pelo expositor: o livre acesso às mangabeiras nas terras privadas não foi uma estratégia recomendada pela equipe, pois os interesses dos proprietários são incompatíveis com

a conservação das mangabeiras em longo ou mesmo em curto prazo, já que as áreas são principalmente convertidas em complexos turísticos, fazendas de camarão, de cana-de-açúcar e de eucalipto; a participação das catadoras em todas as discussões sobre mangaba no Estado foi endossada pela equipe; a criação do “Defeso da Mangaba” não coube à equipe técnica recomendar, que entendeu que esse assunto é da esfera política, mas entende que é necessário criar trabalho e renda durante a entressafra, como o armazenamento e a produção de produtos menos perecíveis, como doces. Ainda segundo Daniel Vieira, as outras reivindicações demandaram um planejamento de pesquisa para gerar propostas de conservação do extrativismo da mangaba. A primeira pesquisa necessária foi o mapeamento do extrativismo no litoral de Sergipe, levantando conflitos e demandas das catadoras de mangaba.

Em seguida, o expositor explicou como o mapeamento foi realizado e apresentou alguns resultados:

- As áreas de coleta de mangaba em todo litoral de Sergipe foram reconhecidas em fotos aéreas por representantes das comunidades, povoados e assentamentos rurais, onde há ocorrência natural da espécie. Esse mapeamento já foi realizado em grande parte, restando as comunidades dos municípios de Japoatã e Japaratuba, em fase de finalização. O mapa mostra as diversas situações em que se encontra o extrativismo da mangaba.
- Foram encontradas 57 comunidades, entre povoados e assentamentos de reforma agrária, que fazem extrativismo de mangaba. Das 28 comunidades das quais já foi realizado todo o levantamento, 75% têm a mangaba como principal fonte de renda, e as restantes têm como segunda ou terceira fonte de renda. Na maioria das comunidades avaliadas, todas as famílias são extrativistas. Entre as comunidades existe uma grande heterogeneidade na relação com o extrativismo; há comunidades que não têm áreas próprias e coletam em áreas alheias, em populações nativas (não plantadas), e há comunidades que têm sítio próprio e vêm enriquecendo as

áreas com mudas ou transplante de plântulas de mangabeira. Com a valorização econômica da fruta, essa é uma tendência na maioria das comunidades que tem sítio próprio. Além da valorização da fruta, os conflitos cada vez mais frequentes entre donos de terra e extrativistas favorecem que as comunidades queiram plantar a mangaba em seus lotes, muitas vezes menores que 1 hectare, para evitar confrontos.

- As diferenças na forma de fazer extrativismo resultam em demandas bastante variadas entre as comunidades. Comunidades que paraticam o extrativismo sem manejo das mangabeiras, aquelas que não têm posse de terra, demandam acesso à terra via (i) liberação dos donos de terra, (ii) via reforma agrária ou (iii) via unidades de conservação de uso direto. A solução específica para resolver o acesso dos extrativistas a terra não é sugerida pelas comunidades, pois elas não tiveram até o momento informação suficiente para opinar a respeito.
- Para as comunidades em que os moradores são donos de sítios, as demandas são assistência técnica para produção e plantio de mudas e controle de doenças, e acesso a crédito bancário para investir na cultura da mangabeira. Independentemente de possuir sítio próprio ou não, a maioria das comunidades demanda canais de comercialização mais confiáveis e com melhor preço. Elas querem também maneiras de tornar a atividade menos sazonal, seja com o beneficiamento da fruta para polpa (armazenamento ao longo do ano) ou para doces, agregando também valor ao produto.

Finalizando sua fala, Daniel Vieira se referiu ao mapa do extrativismo da mangaba em Sergipe como uma ferramenta para os gestores municipais, estaduais e federais, envolvidos com questões agrárias, ambientais, sociais e de gênero. Segundo ele, os resultados deste mapeamento são úteis para basear estratégias de ação para a melhoria da atividade extrativista e da qualidade de vida das comunidades que desenvolvem o extrativismo da mangaba. A partir da tabela síntese,

pode-se rapidamente selecionar as comunidades que demandam assistência técnica para o cultivo, ou cursos de capacitação em beneficiamento da polpa, ou financiamento para agregação de valor, ou acesso à terra. Cada instituição pode buscar na tabela o público alvo para a implantação de políticas públicas. Há diversas áreas de extrativismo de mangaba sendo desmatadas, cercadas, fiscalizadas ou cuja coleta é permitida mediante pagamento, impedindo que catadores as utilizem. Instituições de planejamento, meio ambiente e reforma agrária podem selecionar áreas para estudos aprofundados sobre a criação de Unidades de Conservação, intensificar a fiscalização ambiental e considerar o extrativismo no planejamento de uso do solo, concluiu Daniel Vieira.

Manifestações gerais da plenária

- Necessidade de apoio das instituições, no desenvolvimento de cursos e produção de doces (catador de mangaba, povoado Abaís, Estância, SE).
- Problema com os plantadores de cana, as mangabeiras estão dando espaço ao cultivo da cana-de-açúcar. “As catadoras precisam se unir”. (homem, representante de associação, povoado Porteirás, Japaratuba, SE).
- Necessidade de uma fábrica de polpa em Barra dos Coqueiros (catadora de mangaba, povoado Jatobá, Barra dos Coqueiros, SE).
- Críticas às mulheres, a necessidade de ações na prática no local onde vivem, é preciso união. “Vocês tem que abraçar a causa! As instituições estão presentes e isso é importante. Agora é lutar” (homem, representante de associação, povoado Pontal, Indiaroba, SE).
- “As catadoras não são reconhecidas! Principalmente as do Assentamento Luísa Mahin, precisamos do apoio das instituições (técnico, Itaporanga d’Ajuda, SE).
- Importância dos produtos medicinais na região, a participação

das instituições em viabilizar outras ações. As associações da região podem viabilizar esses produtos medicinais e a importância do Fórum de Economia Solidária (técnico, Indiaroba, SE).

- Não há áreas para catar a fruta. “Está tudo se acabando” (catadora de mangaba, povoado Sapucaia, Japaratuba, SE).
- Queima dos pés de mangaba. “Não tem onde catar. E quando tem a mangaba, não tem onde vender no mercado, por que o espaço não pertence a nós. E os fiscais não deixam vender” (catadora de mangaba, povoado Jatobá, Barra dos Coqueiros, SE).
- “Tá difícil catar a mangaba” (catadora de mangaba, povoado Caípe Novo, São Cristóvão, SE).
- As catadoras de mangaba têm que comparar a mangaba em Lagoa Redonda para vender catadora de mangaba, povoado Lagoa Redonda, Pirambu, SE).
- “As áreas estão diminuindo, não tem onde catar! Quando tem demais não sabe o que fazer, vende por qualquer preço se não perde tudo” (catadora de mangaba, povoado Jatobá, Barra dos Coqueiros, SE).
- “É lindo o saber de vocês. A relação com o meio ambiente. Vocês precisam se unir. Força” (homem, representante de associação, povoado Jatobá, Barra dos Coqueiros, SE).
- “Temos sítio, as plantas, fazemos a polpa, mas precisamos de uma câmara fria” (catadora de mangaba, povoado Caueira, Estância, SE).

Dia 07 de abril de 2009 – tarde

Mesa Redonda 2

Experiências de Comunidades Extrativistas em Unidades de Conservação e Assentamentos

Coordenação

Dalva Maria da Mota

Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental

Participantes

Carla Lessa

Técnica do ICMBio

Maria Domingas da Anunciação

Catadora de Mangaba, Assentamento Agro Extrativista São Sebastião, Pirambu, SE (membro do MCM)

Rosa Maria Saraiva

Professora da UFS e técnica da Semarh/SE

Thácio Martins do Nascimento

Representante da Associação dos Moradores de Pontal, SE

Foram apresentadas palestras de pesquisadores e pronunciamento de catadoras sobre unidades de conservação, com destaque para Reserva Extrativista (Resex).

Carla Lessa

A exposição de Carla Lessa objetivou explicitar o que se entende por unidades de conservação deixando claro a proposição do ICMBio quanto à Resex das Mangabeiras (Resex Litoral Sul) ora em negociação na região sul de Sergipe. Segundo a expositora, no Brasil existem 56 Resex de vários tipos inclusive aquelas nas quais as pessoas vivem e trabalham, outras são constituídas apenas de áreas de mar. Em se tratando de Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) existe apenas uma coordenada pela espera federal. A expositora foi clara quanto ao objeto de negociação que é uma Resex pelos diferentes interessados mostrando as diferentes possibilidades como deixar as

vilas à parte. Reconheceu que os conflitos são inerentes a um processo desta natureza em que diferentes interesses se contrapõem.

Após a exposição, a palavra foi franqueada e as principais questões para a palestrante foram:

- Haveria impedimento do acesso ao porto? Carla respondeu que de maneira nenhuma porque as populações locais têm o direito de usá-los para garantir o seu sustento.
- Os habitantes de Resex podem receber visitas? Sim, e também podem ter pequenos negócios, como pousadas.
- Quais os lucros e as perdas da população local com a implantação de uma Resex? Numa Resex, cada um continuará normalmente na sua casa mas a terra será de todos. Isso no caso do vilarejo fazer parte. Outra coisa é a garantia de que as áreas vão ser usadas pelas pessoas da Resex. Fica dentro da Resex apenas áreas de uso comum.

Maria Domingas da Anunciação

A fala de Maria Domingas, assentada no Assentamento São Sebastião, em Pirambu, chamou a atenção para o problema das experiências modelo que terminam por impor muitos limites aos seus moradores dentre os quais o de não poder desmatar. Entretanto, as ações efetivas das políticas públicas se fazem retardar a exemplo das casas que ainda não saíram. O problema que se coloca para os assentados é: “É para sobreviver de peixe, camarão, mas vamos viver de quê?”. Apesar de o assentamento ter uma área de mangaba todo mundo de fora que não tem terra também cata lá. Isso limita ainda mais a condição de vida dos assentados. Reconhece que depois do I Encontro das Catadoras de Mangaba ficou mais difícil ainda porque o cercamento das áreas foi intensificado. Reconhece que outros tipos de apoio têm chegado como um curso de doce. Mas um dos maiores ganhos é que só agora as pessoas reconhecem as catadoras. “Antes ninguém dava nenhum valor a gente”.

Rosa Maria Saraiva

Na sua exposição Rosa Saraiva relatou que esteve participando de todo o processo de implantação da RDS em Bragança e hoje ela observa a diferença entre o passado e o presente para aquelas populações ali envolvidas. Segundo ela, algumas comunidades não querem Resex, mas é uma boa experiência. Já as RDSs são nas áreas de preservação para proteger o que já existe. Um exemplo é uma RDS numa área de pesca para que ela seja melhor protegida. É uma maneira de proteger e cuidar do estuário. A expositora valoriza o trabalho persistente de esclarecimento da população quanto às diferentes unidades de conservação para que não fiquem dúvidas e cada um saiba ao que está aderindo. Trazendo sua fala para a realidade de Sergipe, Rosa Saraiva destacou a região costeira do litoral sergipano, com vários povoados tradicionais, que buscam o seu sustento desse complexo ecossistema estuário/manguezal. Disse que a consulta para a criação de uma UC está sendo realizada com as lideranças dos municípios de Aracaju (Areia Branca), Itaporanga d'Ajuda (Ilha Mem de Sá, Nova Descoberta, Várzea Grande, Costa, Água Boa e Paruí) e São Cristóvão (Pedreiras, Caípe, Coqueiro, Colônia Miranda, Ilha Grande, Arame I, Arame II, Loteamento Lauro Rocha, Apicum, Rita Cassete, Brasilinha, Tinharé, Carmo), sobre a criação de uma UC visando a promover a conservação de uma área de alta importância ecossistêmica no rio Vaza-Barris, Sergipe.

Em seguida, Rosa Saraiva detalhou a metodologia adotada para criação a Resex em três momentos:

- No primeiro momento, foi feito um levantamento de material bibliográfico e documental, publicado referente aos municípios de Aracaju, Itaporanga d'Ajuda e São Cristóvão. Outra estratégia metodológica do presente estudo foi o levantamento documental dos projetos de consultoria, relatórios e documentos básicos do levantamento socioeconômico desses municípios. A estratégia de comunicação utilizada no envolvimento dos comunitários para a discussão da implantação de uma área de preservação, teve contato prévio por telefone, com moradores dos povoados marcando dia e local para conversa informal.

- No segundo momento, a equipe se direcionou aos povoados dos municípios acima citados, em conversa com alguns moradores foi marcado horário e local da próxima reunião que tem como objetivo discutir a criação da reserva. Em seguida, foi aplicado um questionário onde as perguntas foram direcionadas ao conhecimento das atividades produtivas, situação ambiental, produção econômica e a importância do ecossistema de manguezal que tradicionalmente tem sido a base de sobrevivência desses povoados. A coleta de dados está sendo realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com pescadores, marisqueiras, professores, estudantes, representantes de associações e comerciantes locais, envolvidos, de alguma maneira, com as atividades pesqueiras. Também foram realizadas visitas nos povoados, observando as questões pesqueiras, ambientais, econômica e social dos municípios envolvidos na discussão da criação de uma área de preservação.
- No terceiro momento, estão sendo realizadas oficinas temáticas, com as lideranças comunitárias e técnicos, com objetivo de: esclarecer o que é uma UC, as categorias existentes, discutir com os participantes a melhor proposta de criação dessas unidades localmente e descrever quais as principais atividades produtivas existentes nas comunidades.

Rosa Saraiva encerrou sua fala, enfatizando que todo trabalho de criação de UC deve ressaltar a importância da atividade social e econômica dos comunitários, caracterizando a atividade principal e secundária desses moradores e a importância dos recursos naturais e a preservação desse ecossistema.

Thácio Martins do Nascimento

A fala de Thácio explicitou o conflituoso processo de discussão da Resex na região do Pontal. Segundo ele, os moradores foram convidados por meioda Colônia de Pescadores. O convite foi feito de forma errada porque amedrontou as pessoas. Muitos comentários surgiram: “ninguém mais vai ser dono de seus terrenos”, “não podia construir calçamentos” etc. Isso gerou muitos questionamentos e

medos que derivaram em posições contrárias ou a favor. Mas as dúvidas persistem.

Trabalhos em grupo: prática e identidade coletiva situação do extrativismo da mangaba em Sergipe: o que dizem as catadoras de mangaba e seus parceiros

Uma das características marcantes do II Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe foi a heterogeneidade do grupo que se autodenominava pertencente à categoria social “catadoras de mangabas” (mulheres sem terra, mulheres assentadas, mulheres donas de pequenos sítios e homens assentados) e o número expressivo de técnicos, representantes de instituições parceiras. Registrou-se também a presença de um proprietário de terra.

Dessa forma, para garantir a discussão entre pares, os participantes foram divididos em dois grupos, sendo um formado por aqueles que se autodenominaram “catadoras de mangaba” e o outro composto por ouvintes, ou seja, técnicos, representantes de associações, um proprietário de terra e um secretário municipal. Em seguida, o grupo “catadoras de mangaba” foi dividido em cinco subgrupos, associados a uma cor determinada e se reuniram durante aproximadamente seis horas. A opção de formar subgrupos com a participação exclusiva dos extrativistas se deu para que eles ficassem à vontade para apresentarem pressões a que estão sujeitos nos seus locais de residência, assim como, evitar represálias de donos de áreas onde existem mangabeiras nativas. A relatoria dos debates realizados nos subgrupos competiu aos pesquisadores e técnicos.

O registro do debate ocorrido nos subgrupos das “catadoras de mangaba” foi dividido em quatro temas: i) situação atual; ii) ameaças; iii) conflitos; iv) alternativas/sugestões para a conservação da atividade extrativista da mangaba. Sendo que o subgrupo dos ouvintes se ateve exclusivamente ao quarto tema. Por outro lado, a forma de registro variou segundo as especificidades da dinâmica dos subgrupos e dos coordenadores, assim como, do próprio estilo de redação dos mesmos. Em alguns casos, a fala das catadoras de mangaba foi apresentada integralmente.

Subgrupo 1

Identificação do subgrupo: cor rosa

Coordenadores: Izabela Ribeiro (Incra-SE) e Emanuel Oliveira (Incra-SE)

Número de participantes: 17

Situação atual: acesso às plantas

No Assentamento Darci Ribeiro, em Itaporanga D'Ajuda, tem muita mangaba.

No povoado Porteiras, em Japaratuba, a gente tem que ir catar mangaba longe, no Morro da Lucrécia, Pirambu; as mangabeiras da região se acabaram devido à cana. Tem que fretar carro, sair cedinho e voltar tarde.

No povoado Alagamar, Pirambu, os donos também estão cercando tudo e está tendo muito desmatamento.

No povoado Preguiça, Indiaroba, tem áreas que o dono não liga que a gente cate mangaba; outros proíbem.

No povoado Capuã, Barra dos Coqueiros, o dono do Sítio São José do Arrebancado, onde tem muita mangaba, abriu para vender as mangabas.

No povoado Jatobá, Barra dos Coqueiros, tem pouca mangaba e o pouco que tem é privado. A maioria está loteado e o pouco que tinha foram desmatadas ou queimadas.

Lá no Caípe, São Cristóvão, cada um tira no que é seu, mas quando não tem mangaba (entressafra), a situação fica difícil.

No povoado Santa Isabel, Pirambu, só tem o Robalo e o sítio de Gilson onde a gente pode tirar.

No Assentamento Luíza Mahin, Itaporanga d'Ajuda tinha muita mangabeira, mas hoje tem pouquíssimas por causa dos desmatamentos.

Na Sapucaia, Japaratuba, muitas catadoras têm sítio e também tiram no (sítio) dos outros.

No povoado Aningas (Pirambu), tiram nos sítios e nas catingas (áreas de vegetação de restinga e solos arenosos de coloração branca), de livre acesso.

Em Itaporanga, antes era livre agora está pagando e está mais tranquilo para catar.

Áreas comuns: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Nas áreas comuns, geralmente abertas, onde todo mundo pode tirar, tem lugar que tem muita mangaba e tem lugar que tem pouca. As mangabeiras estão no mato, com outras plantas, como o cajuí, o murici; algumas áreas que o dono não liga, tem sítio de coqueiro. Nessas áreas, apenas tiram as plantas que parasitam as mangabeiras (chamadas de enxerto) e os galhos secos, até por prejudicarem a coleta. Não fazem os demais cuidados, pois todo mundo pode tirar.

Áreas privadas: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Nas áreas privadas, cercadas, tem lugar que tem muita mangabeira e têm outros que tem pouca e precisam plantar mais; tem as mangabeiras e coqueiro, mangueira, caju. Quem tem seu sítio próprio aduba com esterco de galinha e de gado; roça o mato todo ou ao redor do pé de mangaba (rodapé); quando precisa, faz aguação; poda os galhos secos e os enxertos.

Ameaças: agentes internos (pessoas da comunidade)

As pessoas vão fazer roça e queimam as mangabeiras, que depois rebrotam, povoado Santa Isabel, Pirambu.

Pessoas de outros povoados vêm e tiram mangaba nas áreas próprias, povoado Caípe, São Cristóvão.

O Assentamento Dom Hélder pode dificultar. Por enquanto, tá aberto, mas quando fechar vai ficar ruim, pois ali era onde a gente catava mangaba.

Os donos dos terrenos estão vendendo as áreas para loteamentos.

Os próprios moradores jogam lixo no meio ambiente, principalmente o plástico, prejudicando a natureza.

Ameaças: agentes externos (pessoas de fora)

Plantios de cana e de eucalipto que estão desmatando áreas de vegetação nativa que tem as mangabeiras.

Os loteamentos e imobiliárias que estão adquirindo as terras.

O coque (pó preto que vem do Porto de Barra dos Coqueiros) tá prejudicando as mangabeiras e as outras frutas, deixando os frutos escuros. Já fizeram abaixo assinado para a Adema, mas, até agora nada. O pó vai até Santo Amaro.

Dificuldade para vender, principalmente no Mercado Municipal de Aracaju, onde é preciso chegar bem cedinho, para que os fiscais não tomem as mangabas e ainda não tem um lugar certo para vender.

No Caípe, depois do camarão, acabou com tudo; com os mariscos e também com as mangabeiras de perto dos viveiros, devido aos produtos químicos que eles usam.

Na Ribeira, os donos de usinas ainda estão desmatando para plantar cana.

As pessoas de fora que visitam os lugares ou passam na estrada, jogam lixo ao invés de recolhê-lo e dar o destino correto.

Conflitos: entre catadoras e agentes externos

No Assentamento Luísa Mahin, ainda não foi tratada pelo Incra a invasão de parte do assentamento por um vizinho que planta eucalipto, fato que prejudica a comunidade assentada que catava mangaba e outros produtos na área.

Foram destruídas áreas de mangabeira para construir viveiros de camarão.

Apesar das ameaças, não são registrados conflitos abertos entre as catadoras e os agentes.

Alternativas/sugestões para conservação da atividade extrativista da mangaba

Plantar mais mangabeiras. É preciso ter a terra, um local para plantar. Terra para cada quem fazer o seu plantio.

Na Barra dos Coqueiros, não deixar que tudo seja vendido (os terrenos), pois senão, vão virar tudo loteamento e construção.

É preciso recurso para plantar e cuidar das mangabeiras.

No Povoado Aningas, a gente precisa de cursos para aprender a beneficiar as mangabas, para vender.

Seria bom se tivesse onde armazenar a mangaba (“freezers”) para a entressafra.

Propiciar cursos de aperfeiçoamento para aproveitar melhor o fruto e a criação de fábricas de polpas e doces para beneficiar a mangaba.

Vender à Conab.

É preciso fazer pesquisa para valorizar a planta. A mangaba é muito importante, até como remédio para curar dores e mal estar.

É preciso ações de educação ambiental para resolver o problema do lixo e até a criação de uma fábrica de reciclagem devido à grande quantidade de lixo.

Outras observações

“As mulheres quando estão “naqueles dias” (menstruadas) não devem subir na mangabeira ou em qualquer outra fruteira, senão prejudica”.

“Eu não concordo que acontece isso porque o interessante é que essas manchas das frutas só dão na época de inverno”.

Subgrupo 2

Identificação do subgrupo: cor laranja

Coordenadores: Dalva Mota e Daniel Vieira

Número de participantes: 17

Manejo (cuidados)

Zelando as plantas nos sítios cercados.

Uns não fazem nada, deixam lá.

Outros zelam bem, poda os galhos secos, limpa o mato debaixo.

Ameaças: agentes internos (pessoas da comunidade)

Ameaça é quebrar galhos por causa da pressa.

Corta para gente não pegar, porque não quer ver a gente lá dentro mais.

Cortar as plantas

Ameaças: agentes externos (pessoas de fora)

Cortar as plantas.

Soltar gado que come tudinho.

Viveiro mata mangaba que está perto dos viveiros, por causa dos produtos.

Loteamentos cortam as plantas para construir casas.

Conflitos: entre catadoras

Nós não brigamos porque é melhor fazer tudo junto, conversando e se ajudando.

Em Pontal, Indiaroba, tem discordância. Tem um grupo que nem quis vir ao encontro. Elas não vieram porque acham que não vai dar nada. Mas tem um grupo que tem fé. Mas não tem briga, cada um vai na hora que quer.

Em Barra dos Coqueiros, não tem conflito. Porque é cobrado, a pessoa vai lá e cata normalmente.

Em Caípe Novo, São Cristóvão, tem conflito familiar. O sogro não quer que todo mundo pegue.

Em Pontal, eles foram pegar na Parainha e um vereador ficou ajudando elas de guarda para ninguém expulsar. Na Parainha é assim de mangabeira e umas mangabas bonitas, e o homem que toma conta nem vai lá direito.

No Sítio São José do Arrebancado, na Barra dos Coqueiros, a gente entra escondido ainda, mas se ele vê leva para delegacia. O dono do sítio mandou as catadoras catarem por 10 centavos o quilo. Tivemos uma reunião no Ministério com o dono e ele acusou as catadoras de botar fogo, mas é ele que bota.

Hoje no Mercado Albano Franco, no Ceasa, tem lugar específico, botam a gente num canto escuro e sujo. Tem briga porque tem gente que paga para vender lá dentro e não quer que os fiscais liberem as catadoras venderem lá dentro. Elas têm que se retirar antes das 8 da manhã.

Alternativas para melhorar a atividade do extrativismo da mangaba

Mesmo que o dono da área continuasse a vender, mas que ele reduza o preço e cuide dos pés. Mas ele bota fogo escondido do Ibama. Além da gente catar, dar lucro para ele, trabalhar duro, ele paga muito barato, é uma humilhação (justifica isso porque se forem lutar de novo para entrar livremente arrisca perder tudo). Chegaram à conclusão que o acesso livre deve ser reivindicado.

Uma área de mangabeira livre que todos pudessem entrar e pegar para vender. Eles criticam a venda porque o dono pode não cuidar dos pés de mangaba. Porque amanhã ele pode mudar e vender a área. As catadoras querem ter uma área que não precisem dar satisfação, que peguem e voltem para casa sossegadas. Às vezes pode ter conflito e ele corta tudo. O paulista que quis ajudar as catadoras ofereceu de comparar um sítio mas o dono pediu um preço muito injusto.

Um lugar seguro para vender as mangabas sem problemas de fiscalização.

Curso para doce, bombom, e essas coisas. Tem lugares com muitos turistas que poderiam comparar. Para aproveitar as mangabas, que se fosse vender seria muito barato, ou teria desperdício (tem muita mangaba que joga fora).

Porém, se aumentar muito a venda, como vai ser o cuidado com os pés. E se todo mundo fizer doce tem para quem vender.

Alícia argumenta que o curso nem todos vão querer vender. Mas, na Caueira, tem muita mangaba e o problema é vender para não desperdiçar e que tenha um certo lucro. Chega a vender por 1 real.

Na Caueira, tem uma fábrica de polpa que está abandonada. Porque precisava de certificação, e não tem como vender.

Subgrupo 3

Identificação do subgrupo: cor azul

Coordenadores: Carla Lessa e Jane Velma

Número de participantes: 24

Situação atual: acesso às plantas, quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Às áreas de acesso comum tem diminuído nos últimos anos, com cada vez menos mangabeiras; Na área comum, a paisagem é a “caatinga”/ restinga com nativas (cambuí, murici, caju, mangaba etc.); não há manejo devido ao aumento do número de catadoras que disputam as plantas causando quebras, retiradas de frutos verdes e consequentes perdas e desperdício.

Tem aumentado o cercamento das áreas privadas, porque querem proibir a retirada, vender ou usar a propriedade para outro fim (plantios, loteamentos, viveiros etc.). A quantidade e a diversidade de plantas são maiores nessas áreas, devido ao controle na retirada e o plantio de outras espécies.

Ameaças: agentes internos (pessoas da comunidade)

Dificuldade de vender o produto.

Aumento do número de catadores.

Diminuição do número de plantas.

Ameaças: agentes externos (pessoas de fora)

Cercamento devido a mudança de proprietário.

Uso das áreas para fins de plantios de cana, eucalipto, coco, viveiros de camarão, loteamentos, resorts, hotéis etc.

O atravessador estimulando a retirada do fruto verde.

Diminuição do número de plantas.

Conflitos: entre catadoras

Há disputa entre catadoras e entre comunidades vizinhas por locais onde ocorrem e pelos pés de mangaba.

Entre catadoras e agentes (donos de áreas).

Proibição de acesso às áreas.

Alternativas/sugestões para conservação da atividade extrativista da mangaba

O governo deve comparar áreas para dar acesso livre às catadoras de mangaba.

Devem ser disponibilizados locais e equipamentos de beneficiamento da fruta (armazenamento, despoldadeira, câmara fria).

Necessidade de sede na comunidade.

Defeso da mangaba no período da entressafra.

Cursos e treinamentos para doces, para venda.

Divulgação dos produtos em feiras.

Espaço para comercialização.

Organização social (união para a produção e venda dos produtos).

Subgrupo 4

Identificação do subgrupo: cor amarelo

Coordenadores: Camila Amaral (Incra-SE) e Josué Silva Junior

Número de participantes: 20

Situação atual: acesso às plantas

Em Japaratuba:

- Catam nas terras abertas, na terra dos outros.
- Também comparam a mangaba das outras catadoras.
- Comparam a mangaba verde mais barata e vendem na feira quando amadurece.

Em Itaporanga d´Ajuda:

- No povoado Caueira, a maioria dos catadores tem sítios, mas às vezes catam escondido na área dos outros também.
- No Assentamento Darci Ribeiro, as casas finalmente foram construídas, mas ainda falta a divisão dos lotes individuais. São 31 famílias no projeto de assentamento. Catam na área do assentamento e no sítio vizinho, Riacho Doce. O proprietário, o Sr. Érico, deixa catar, não se incomoda.

Em Indiaroba:

- Em Pontal, catam nos sítios próprios e às vezes nos dos outros também. Os donos não implicam, mas tem uns empregados que não deixam. Na Parainha o empregado tira umas 10 caixas de mangaba e disse que ia dar parte das catadoras que entrassem na área. O empregado da fazenda ainda cata nos sítios das catadoras.

Em Barra dos Coqueiros:

- Na área do Sítio São José do Arrebancado, antes os donos proibiam de entrar, agora eles vendem a mangaba (R\$ 2,50 o balde de 6 L). As catadoras têm que entrar e sair pela cancela, e para entrar tem que comparar. O dono tirou as árvores que não davam frutos, ficou melhor para a mangaba e para as catadoras, agora não tem cobra.

Em São Cristóvão:

- No povoado Caípe, possuem sítios próprios ou comparam a mangaba para revender.

Áreas comuns: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Em Japaratuba:

- Na Sapucaia, não tem área aberta para coletar.

Em Pirambu:

- Pessoas do povoado Tigre, de Santa Izabel e do Alagamar catam mangaba na área do Assentamento Agroextrativista São Sebastião.
- As catadoras do povoado Santa Izabel catam na região do Robalo.

Em Japoatã:

- Não tem mangaba no povoado Ladeiras, as catadoras vão coletar em outras áreas.

Áreas privadas: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Em Japaratuba:

- Somente no Cajueiro pode coletar sem problemas.
- Antes coletavam na área da Sapucaia, mas os proprietários passaram o trator para derrubar a mangaba.

Em Indiaroba:

- Nas áreas cercadas os proprietários derrubaram as mangabas. Tiraram os pés de mangaba para que elas não tirassem. As catadoras só entram quando o dono deixa e ainda têm que comparar a mangaba.
- Quando a terra é fértil a mangabeira brota rapidinho.

Em Japoatã:

- Como elas (as mangabas) estão no mato os donos deixam tirar, mas tem pouca porque não tem cuidado com as mangabeiras”.

Ameaças: agentes internos (pessoas da comunidade)

Em Itaporanga d´Ajuda:

- Um proprietário da região derrubou e queimou a mangaba para que as pessoas não pegassem. O pessoal entrava na área e o dono derrubou tudo.
- Tem fábrica de polpa no povoado, mas está fechada, abandonada, pois não é registrada, não funciona.
- A comunidade continua coletando somente no projeto de assentamento.

Em Pirambu:

- Quando desapropriou o imóvel, a parte que tinha menos mangaba ficou para o Assentamento Agroextrativista São Sebastião, por isso não dá para todo mundo.
- As outras propriedades vizinhas, que tem mangaba, estão sendo comparadas por pessoas de fora e as pessoas da comunidade estão catando escondidas.

Em Indiaroba:

- As pessoas do povoado Preguiça entram nas áreas, quebram os galhos, tiram da árvore e não do chão e prejudica as

mangabeiras”.

- Às vezes com raiva porque o dono não vai dar quebra tudo.
- Tem proprietário que está vendendo madeira de mangueira, jaqueira, mangabeira para lenha.

Em Japoatã:

- As catadoras precisam ser educadas, para retirar a mangaba sem destruir a mangabeira.
- Alguns catadores da região, com raiva, tocam fogo na mata.
- Em dia de feira as catadoras aproveitam para entrar nas áreas, pois os donos saem.
- “Por mais que proíba as pessoas não vão deixar de catar”.

Ameaças: agentes externos (pessoas de fora)

Em Itaporanga d´Ajuda:

- Denunciaram que um proprietário de uma área de eucalipto da região invadiu a área do assentamento e derrubaram uma área aonde tinha murici, cambuí, ouricuri, mangaba (aproximadamente 100 pés), tucum etc., para plantar eucalipto, no Assentamento Luísa Mahin, povoado Rio Fundo.
- Uma ameaça à área do Assentamento Darci Ribeiro é a instalação de criatórios de camarão nas áreas vizinhas. Existem boatos de que o Incra não vai dividir a área dos lotes individuais porque vai vender a área para os criadores de camarão.

Em Pirambu:

- Têm medo de que com a chegada da Linha Verde e dos hotéis as áreas de mangaba do povoado Santa Isabel desapareçam.
- O Estado prometeu liberar para a comunidade a área do finado vereador Ventinha, em Jatobá.
- Comparam o balde a R\$ 7,00.

- As catadoras de Jatobá apanham a mangaba na “catinga”, em Santo Amaro.
- Os donos dos sítios do povoado Jatobá não querem mais vender as mangabas, pois está no fim da safra. O balde está a R\$ 15,00.

Em Japoatã:

- Um advogado, proprietário de uma fazenda da região, colocou as catadoras na justiça para ressarcir as mangabas catadas.
- No Assentamento Três Cancelas, os assentados não se importam que as catadoras tirem das áreas comuns, mas se importam quando entram nos lotes individuais. Em Ladeirinhas, quando não tem cerca, que o dono não cuida, as pessoas entram, mas tem dono de área que ameaça os catadores armados.

Em São Cristóvão:

- Por causa do camarão desmataram a área que as catadoras usavam em Porto das Pedras, o caranguejo morreu e agora os tanques foram abandonados. “Os órgãos empatam os pequenos, mas os grandes...”

Alternativas/sugestões para conservação da atividade extrativista da mangaba

Em Japaratuba:

- A casa de polpa é uma necessidade, uma solicitação da comunidade, pois não tem onde armazenar a produção de mangaba.

Em Itaporanda d´Ajuda:

- É importante que as catadoras façam o curso para usar a mangaba, principalmente, no tempo da mangaba, para não perder.

- Precisam também de uma câmara fria para conservar a mangaba na época, pois, acabam jogando no mato, vendendo barato a mangaba.

Em Pirambu:

- Questionaram quando a casa de polpa construída no Assentamento Agroextrativista São Sebastião vai entrar em funcionamento. Estão vendendo a mangaba a R\$1,00.

Em Indiaroba:

- O Projeto da Conab aumentou o número de fornecedoras de mangaba e outras frutas (manga, caju e outras). Agnaldo, vereador do município de Santa Luzia de Itanhhy foi quem organizou tudo.
- Vendem, principalmente nas feiras de Boquim, Itabaianinha etc.
- Rita é uma atravessadora do povoado Convento. As catadoras catam a mangaba “de vez” e os atravessadores comparam verde para levar para a fábrica de sorvete.
- Tem área aonde o dono deixa tirar de “meia”.

Em Japoatã:

- Tem que haver programas para as pessoas adubarem, cuidarem das mangabeiras.

Em Barra dos Coqueiros:

- As catadoras já estão produzindo bombons, geleias, doces. Entretanto, não existe um local para fazer os doces.

Em São Cristóvão:

- A comunidade do povoado Caípe solicita o curso para o aproveitamento da mangaba.

Subgrupo 5

Identificação do subgrupo: cor verde

Coordenadores: Raquel Rodrigues e Margareth Lisboa (UFPA)

Número de participantes: 16

Situação atual: acesso às plantas

O acesso às mangabeiras tem sido cada vez mais difícil, sob ameaças constantes dos donos das fazendas.

As comunidades têm dificuldade para praticar a pesca, pois os portos ficam localizados em áreas privadas.

Áreas comuns: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

A diminuição da quantidade de plantas e a substituição da vegetação nativa por viveiros de camarões, cana-de-açúcar é uma grande preocupação.

Os cuidados com essas plantas são não quebrar os galhos e não tirar frutos verdes, mas nem todo mundo respeita.

Áreas privadas: quantidade, paisagem e manejo (cuidados)

Os cuidados nas áreas privadas dependem muito do interesse dos seus donos. Alguns conservam as mangabeiras e até fazem parceria “meia” com as catadoras de mangaba. Outros cercam e derrubam toda vegetação para não terem suas terras invadidas. As catadoras que possuem pequenos sítios e as assentadas dizem que a mangabeira não precisa de muitos cuidados. Basta limpar ao redor do troco e replantar as mudas que aparecem naturalmente embaixo dos pés.

Conflitos: entre catadoras

Algumas catadoras entram escondido nas áreas daquelas que têm pequenos sítios e/ou dos assentamentos. As donas dos sítios e as assentadas dizem não se incomodarem com essa situação, desde que não quebrem nada, pois sabem que todas têm suas necessidades.

Conflitos: entre catadoras e agentes

O proprietário do Sítio São José do Arrebancado proibiu as catadoras de mangaba de catarem livremente dentro da sua área, como sempre foi. Atualmente, elas devem pagar pelo fruto colhido e quem for pega sem autorização será denunciada por invasão de propriedade privada.

No povoado Pontal, alguns donos de terra preferem deixar as mangabas estragarem, mas não permite a entrada da comunidade local para paraticar extrativismo em suas áreas. “Tem eles que pisam e pé”.

Ameaças: agentes internos (pessoas da comunidade)

Com o aumento do valor de mercado e da procura pelo fruto, muitas catadoras não estão respeitando o “tempo da mangaba”, fazendo a colheita quando ele ainda está verde. Também, com o objetivo de colher mais e em menor tempo, tem gente subindo nos pés, quebrando galhos, “esbagaçando tudo”.

Falta de “união” entre as catadoras de mangaba.

Entre catadoras e agentes

As áreas particulares de ocorrência natural da mangaba e onde as comunidades costumavam ter acesso livre aos recursos naturais têm valor de venda elevado, por estarem situadas no litoral de Sergipe. Isso tem feito com que pequenos sítios sejam vendidos por membros da comunidade para pessoas que não têm nenhuma relação com o local, exceto o interesse pelo ganho de capital. O preço elevado das terras também tem sido colocado pelo Incra como um dos entraves para o Estado desapropriar essas áreas.

Alternativas/sugestões para conservação da atividade extrativista da mangaba

Reforma agrária.

Fortalecimento da “união” entre as catadoras.

Capacitar mais comunidades na produção de produtos derivados da mangaba.

Ampliar o número de plantas por meio do plantio de novas mangabeiras.

Subgrupo 6

Identificação do subgrupo: ouvintes

Coordenadora: Rosa Maria Saraiva

Número de participantes: 16

Alternativas/sugestões para conservação da atividade extrativista da mangaba

- Não ter área de exploração, algumas áreas estão fechadas.
- Não ter acesso aos créditos, órgãos federais.
- Dificuldades para a preservação.
- Conscientização e cadastramento das proprietárias de mangabeiras.
- Valorizar os sítios abandonados.
- As catadoras sozinhas não chegarão a nenhum lugar, o Estado deve cumprir com o seu papel e trabalhar com parcerias, formando iniciativas.
- É necessária uma organização jurídica a nível municipal e estadual (associação e cooperativismo).
- As catadoras devem sempre se encontrar, pois assim faz com que valorize seus produtos e os sítios dos proprietários.
- Precisa assegurar uma sustentabilidade e conquistar uma unidade de produção de beneficiamento.
- Conquistar a valorização da categoria por outros órgãos governamentais.
- É necessário um espaço para a comercialização dos produtos.
- É importante fazer festivais para a divulgação e a sensibilização

na compara dos produtos.

- Até ser formada uma cooperativa é importante que as catadoras estejam preparadas para deixar o “eu” e trabalharem o “nós”.
- Buscar outros espaços para parcerias.
- Conquistar cursos da Seides para fazer outros produtos da mangaba e orientações técnicas.
- Fortalecer os grupos já existentes nas comunidades.
- Se somar as associações já existentes, exceto se tiverem irregular com a secretaria da fazenda.
- Nas feiras as catadoras ficam no pior local, pois são discriminadas e sofrem preconceito.
- Fazer com que as leis funcionem de fato e de direito.
- É importante que as catadoras estejam fixadas a um sindicato a colônia, para, assegurar alguns direitos dos trabalhadores.
- O beneficiamento para trabalhar direto com o povo. Estocar o fruto para trabalhar na entressafra.
- Conquistar terras para o plantio das mangabeiras.
- O estado deve ajudar na organização dos catadores e dos proprietários dos sítios de mangabeiras.

Investindo na construção de uma identidade coletiva

Os participantes do II Encontro voltaram à plenária e nesse momento, a pesquisadora Dalva Mota incentivou um debate sobre a necessidade das catadoras de mangaba criarem elementos de identificação, fundamentais na construção do reconhecimento delas. Em suas pesquisas, Dalva Mota observou que as mulheres engajadas em movimentos sociais cantavam músicas que remetiam aos seus afazeres e aos seus modos de viver e que isso proporcionava sentimentos de pertencimento ao grupo além de acionar referências comuns e também para vivenciarem momentos de alegria, além de comunicação com

outros movimentos sociais. Partindo desse princípio, a pesquisadora sugeriu a composição de uma música que homenageasse as catadoras de mangaba, ideia aceita por todos os presentes. No período noturno, vários grupos se reuniram e compuseram músicas, para serem apresentadas no segundo dia do evento.

Dia 08 de abril de 2009 – manhã

Socialização: Relatos e Musicalidade

Relatos dos Trabalhos por Grupo

Coordenação

Edilma Alves Moura

Catadora de Mangaba, povoado Capoã, Barra dos Coqueiros, SE

Cada subgrupo que se reuniu na tarde do dia anterior escolheu uma catadora para expor os resultados do trabalho na plenária. As apresentações foram divididas em dois momentos e durante o intervalo foi exibida a matéria televisiva “Os segredos da mangaba”, veiculada no dia 17 de janeiro de 2009, no programa Globo Rural, da Rede Globo.

Manifestações gerais da plenária

Todos os presentes concordaram com os relatos apresentados decorrentes dos debates realizados nos grupos e consideraram que a situação do extrativismo da mangaba em suas comunidades havia sido contemplada.

Um grupo de quatro moradores do Bairro Santa Maria, Aracaju, SE, informou que há mais de 50 anos suas famílias vêm praticando extrativismo nas áreas de ocorrência de mangabeira pertencentes à Infraero, no entorno do Aeroporto Internacional Santa Maria. Recentemente, parte dessa área foi cedida para a construção de casas populares, uma parceria entre os governos federal, estadual e municipal, significando na derrubada de diversas plantas. Diante dessa situação, esses moradores solicitaram apoio do MCM, no sentido de alertar o poder público sobre o risco social e ambiental e evitar que novas áreas sejam devastadas. Formou-se uma comissão para elaboração de uma carta de apoio do MCM a esse grupo, que foi lida e aprovada na Assembleia do MCM, realizada ao final do II Encontro.

Várias foram as falas que endossaram a importância das catadoras de mangaba se organizarem, tanto no que diz respeito à formação de associações quanto ao fortalecimento da coletividade, união. O MCM foi colocado como espaço fundamental para a construção dessa organização e formação política dos seus representantes.

Composição do “Hino das Catadoras de Mangaba”

Cada grupo de compositores, formado na tarde do dia anterior, foi convidado pelo pesquisador Josué Silva Junior para apresentar à plenária suas propostas de letra e música do hino das catadoras de mangaba.

Foram apresentadas seis músicas, cada uma abordava um tema e tinha uma melodia. Seguem as letras:

O LAMENTO DAS CATADORAS (PARÓDIA)

NÃO POSSO RESPIRAR
NÃO POSSO MAIS CATAR
A MATA ESTÁ MORRENDO
NÃO POSSO TRABALHAR

TERRA NÓS NÃO TEMOS
PRA PLANTAR E COLHER
TEM MUITA MANGABA
MAS NÃO TEMOS PRA VENDER

CADE AS MANGABEIRAS
O DONO CERCOU
O VERDE DO MATO
O FOGO QUEIMOU
E AS AUTORIDADES
NÃO VE ISSO NÃO
POBRE DAS CATADORAS
SEM SOLUÇÃO

Autoras: Gislene Peixoto da Silva,
Regina Matos de Almeida, Anderleia
Almeida Bispo, Maria Floraci Cardoso
Ramos Chaves, Ângela Maria dos Santos
Ramos.

HINO DAS CATADORAS

CATADORAS CATADORAS
VAMOS NOS SE AJUDAR
PEGANDO OS SEUS GANCHINHOS
PEGANDO OS SEUS GANCHINHOS
AS MANGABAS EU VOU TIRAR

DE MANHÃ CEDO NOS VIAJA
PARA CAATINGA NÓS TIRAR
OS SUSTENTOS DOS NOSSOS FILHOS
OS SUSTENTOS DOS NOSSOS FILHOS
PARA ELES NÃO ROUBAR

MINHAS AMIGAS CATADORAS
PARA FEIRA VAMOS LEVAR
AS MANGABAS BEM DOCINHA
AS MANGABAS BEM DOCINHA
PARA ELAS NÃO VOLTAR

Autores: Dilma Vieira da Silva, Silvestre
Ferreira, Joaquina Gomes dos Santos,
Maria Edileuza Moura dos Santos

MANGABA SERGIPANA

SOU SERGIPANO COM MUITO
ORGULHO
MINHA FUNÇÃO É POPULAR
ACORDO CEDO MINHA MANGABA EU
VOU PANHÁ
OS MEUS FILHINHOS TÃO ESPERANDO
O SUSTENTO EU VOU LEVÁ

AS CATADORAS PEGA A MANGABA
EM MINHA CASA EU VOU CUIDAR
ENCAPOTANDO COM O CUIDADO
PARA FEIRA EU VOU LEVÁ

CHEGO NA FEIRA EU VOU GRITANDO
OLHA MANGABA VEM COMPARAR
MINHAS MANGABAS SÃO
SABOROSAS
NOSSOS PRODUTOS VENHAM PROVAR

Autores: Dilma Vieira da Silva, Silvestre
Ferreira, Joaquina Gomes dos Santos,
Leandro Gonzaga dos Santos

CANTO DAS CATADORAS DE MANGABA

A MANGABA É MUITO BOA PARA
GENTE CHUPAR
O SUCO E O SOVETE É GRANDE
PALADAR

VAMOS CATAR MANGABA
VAMOS ENCAPOTAR
NO GALHO DA MANGABEIRA
É ONDE VOU ME BALANÇAR

Autoras: Maria Evangelista da Cruz e
Lúcia de Jesus Santos

O DESABAFO DAS CATADORAS

MINHAS AMIGAS CATADORAS
VAMOS NOS AJUDAR

PRA COLHER NOSSAS MANGABAS
PRA COLHER NOSSAS MANGABAS
E PRA FEIRA NOS LEVAR

QUANDO MAIS ELAS DOCINHAS
MAIS O FREGUÊS VÃO GOSTAR

ELAS SÃO NOSSO SUSTENTO
ELAS SÃO NOSSO SUSTENTO
PARA OS NOSSOS FILHOS CRIAR

SEM ELAS, NÓS NÃO SOMOS NADA
PESCARIA SÓ NÃO DÁ

PRECISAMOS DA MANGABA
PRECISAMOS DA MANGABA
PORISSO VAMOS PRESERVAR

Autoras: Alícia Santana Salvador Morais e
Josefina Castor Izidoro

O HINO DA MANGABA

OUVINDO O PENSAMENTO DO DESTINO
PEGO O CESTO E O MEU GANCHO E VOU SEGUINDO
É TÃO CANSATIVO E LUCRATIVO O NOSSO DESTINO
QUANDO CHEGO NA PAISAGEM DA NATUREZA
HOJE OS NOSSOS FRUTOS É CONHECIDO
ELE SE CHAMA A MANGABA
QUE VERDE É TÃO AMARGA
E MADURA É UMA DOÇURA
CRIATURA DA NATUREZA.
MAS QUANDO ESTAMOS NO CAMPESTRE
NÓS CANTAMOS E ESQUEÇEMOS DOS PROBLEMAS
O ROSTO MOSTRA A ALEGRIA
DAS CATADORAS QUE HOJE ESTÁ REALIZANDO OS SEUS SONHOS
E AGORA VAMOS
MOSTRAR AS DELÍCIAS QUE VAMOS PREPARAR COM A MANGABA
VEM OS SUCOS MARAVILHOSO
E O BOMBOM QUE ELE É DELICIOSO
VEM A GELÉIA SABOROSA
E O BOLO SABOROSO
E MOUSSE MUITO CREMOSO
FRUTO DA TERRA
MAMÃE ENSINOU A COLHER
E AGORA VIROU UMA FRUTA
QUE NÓS VAMOS SOBREVIVER

Autoras: Edinalva Tavares dos Santos, Assilene Tavares dos Santos e
Iracema dos Santos Tavares

Todas foram muito aplaudidas, mas a plenária reconheceu que cada um era forte em um aspecto e seria preferível juntar partes de uma e de outra porque a complexidade do viver e ser catadora de mangaba precisava ser mais visível.

Houve a sugestão de que, os compositores se reunissem numa sala para elaborar uma nova música, utilizando a ideia de todos, que seria reconhecida como o “Hino das Catadoras de Mangaba”. Paralelamente, os demais participantes assistiram ao programa “Um pé de quê: mangaba”, uma realização da Pindorama Filmes e TV Futura.

Sobre a reunião dos compositores, a partir de uma lista dos temas importantes, cada um foi apresentando seus versos e combinando a rima. As que sabiam fazer rima logo tomaram a iniciativa de organizar as estrofes, garantindo uma sonoridade que agradasse a maioria. A música “Canto das catadoras de mangaba”, de autoria de Maria Evangelista da Cruz (assentamento Dorcelina Folador, Itaporanga d´Ajuda) e Lúcia de Jesus Santos (assentamento Luísa Mahin, Itaporanga d´Ajuda) foi escolhida para ter incorporada à sua letra e melodia, versos das demais músicas, seguindo a sonoridade original (semelhantemente a um samba de coco, ritmo sergipano) atribuída por suas autoras. Finalizada a letra, a música foi cantada várias vezes pelo grupo para garantir que as rimas e o ritmo estivessem agradáveis de se ouvir e a letra representasse o dia a dia. De volta à plenária, os compositores cantaram a última versão aprovada por eles em reunião, para todos os participantes do II Encontro. Embalados pelas vozes dos compositores e pelo som de um violão tomado emprestado por uma das participantes do evento, logo todos os presentes estavam juntos, cantando e aplaudindo ao “Hino das Catadoras da Mangaba”, a seguir.

HINO DAS CATADORAS DE MANGABA**(Escolhido por votação como hino oficial)**

CADÊ AS NOSSAS MANGABAS?

O HOMEM CERCOU

E O VERDE DO MATO?

O FOGO QUEIMOU

VENDO O FOGO QUEIMANDO

NADA PODEMOS FAZER

VENDO A FRUTA SE PERDENDO

DONDE TIRA O QUE COMER

OLHANDO UMAS PARA AS OUTRAS

COM UMA GRANDE AFLIÇÃO

VAMOS PEDIR AO GOVERNO

UMA GRANDE SOLUÇÃO

VAMOS CATAR MANGABA

VAMOS ENCAPOTAR

O GALHO DA MANGABEIRA

ONDE EU VOU ME BALANÇAR

A MANGABA É FRUTA BOA PARA

GENTE CHUPAR

O SUCO E O SORVETE É UM GRANDE

PALADAR

CATADORAS! CATADORAS! VAMOS

SE AJUDAR

PEGANDO NOSSOS GANCHINHOS

PARA MANGABA TIRAR

PARA FEIRA EU VOU LEVANDO

ELAS SÃO NOSSO SUSTENTO

SEM ELAS NÃO SOMOS NADA

PESCARIA SÓ NÃO DÁ

NA FEIRA EU VOU GRITANDO

COM ALEGRIA E PARAZER

A MANGABA É MUITO BOA

TRAGO ELA PRA VENDER

Autores: Maria Evangelista da Cruz, Lúcia de Jesus, Alcília Santana Salvador, Josefina dos Santos, Dilma Vieira da Silva, Silvestre Ferreira, Joanhina Gomes dos Santos, Maria Edileuza Moura dos Santos, Leandro Gonzaga dos Santos, Edinalva Tavares dos Santos, Assilene Tavares dos Santos, Iracema dos Santos Tavares, Gisleine, Regina Matos de Almeida, Maria Floraci Cardoso Ramos Chagas, Ângela Maria dos Santos Ramos, Anderleia Almeida Bispo

Assembleia Geral do MCM

Preparativos

Sob a coordenação da catadora de mangaba Alícia Salvador a plenária do II Encontro foi convidada para refletir sobre as principais demandas levantadas nos dois dias do evento, registradas a seguir:

- O MCM e seus parceiros devem pressionar o Estado para criação da Reserva Extrativista Litoral Sul.
- Ampliar para todas as comunidades as capacitações sobre produção de produtos derivados da mangaba (doces, geleias, bolos, bombons etc.).
- Ampliar o número de mangabeiras nas áreas das catadoras que têm terra e nos lotes dos assentamentos, por meio do sistema de cultivo.
- O MCM, por meio de carta, deve manifestar apoio aos moradores do Bairro Santa Maria, Aracaju, SE, na luta contra o corte das mangabeiras para construção de casas populares.
- As lideranças do MCM devem visitar o maior número de comunidades possíveis, visando ampliar e fortalecer a base do Movimento.
- As catadoras de mangaba devem fazer um levantamento das áreas de ocorrência de mangaba, cujos proprietários têm interesse em ceder para a reforma agrária e encaminhar a relação para Incra.

A partir da lista acima, um grupo de catadoras se reuniu para elaborar a II Carta Aberta das Catadoras de Mangaba e a carta de solidariedade aos moradores do Bairros Santa Maria, Aracaju, SE, que praticam o extrativismo da mangaba, para serem lidas e aprovadas na Assembleia Geral do MCM.

Eleição da nova diretoria do MCM

Participaram da assembleia os extrativistas (mulheres e homens) de mangaba presentes, sob presidência de Alícia Salvador (atual presidente do MCM), cujo principal ponto de pauta foi a eleição para a nova diretoria do Movimento. Desde a criação do MCM, em 2007, ficou deliberado que a sucessão da diretoria deveria acontecer por meio de

eleição nos encontros estaduais, a cada dois anos. Os extrativistas se reuniram por município, e, após um “cochicho”, apresentaram os nomes dos candidatos a titular e suplente para representá-los na diretoria do Movimento. Os candidatos foram convidados para vir à frente da plenária e, com uma salva de palmas, a Assembleia os elegeu por unanimidade. Dos diretores titulares eleitos para representar cada município, surgiram duas candidatas a presidente e vice-presidente do MCM. Em consenso, as titulares dos municípios de Barra dos Coqueiros e Indiaroba, Patrícia Santos e Alícia Salvador, foram eleitas como presidente e vice-presidente do Movimento, respectivamente. Filha de catadora de mangaba, Patrícia Santos foi trazida para o MCM por sua mãe e, nos últimos dois anos, representou as catadoras de mangaba em reuniões. Já a catadora de mangaba Alícia Salvador tem participado das ações de pesquisas da Embrapa e parceiros com o extrativismo da mangaba desde 2007.

A minuta da referida assembleia geral foi gentilmente cedida pelo MCM e está disponível como um dos anexos deste documento.

Finalizada a assembleia geral, houve pronunciamentos positivos sobre o evento, considerado como um espaço de encontros, reencontros e de construção da identidade social das catadoras de mangaba. Todos se despediram, na expectativa da realização do III Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe e da próxima assembleia geral do MCM, previstos para 2011.

Reflexões finais

O II Encontro das Catadoras de Mangaba foi uma iniciativa do MCM na busca por autonomia, quando comparado ao I Encontro, que foi idealizado e financiado com recursos de projeto da Embrapa.

Sobre a diversidade do público extrativista presente no II Encontro, destaca-se a presença de mulheres e homens sem e com acesso garantido às áreas de ocorrência de mangabeiras nativas, por serem donos de pequenos sítios ou assentados. Esses extrativistas com terra, além de entenderem a importância da conservação dos recursos naturais, debateram sobre a necessidade de se ampliar o número de mangabeiras por meio de plantio. Os extrativistas sem terra discutiram a situação do extrativismo de mangaba, tendo como ponto focal a falta de acesso à terra e a derrubada das plantas por terceiros.

No que concerne as experiências político-institucionais, haviam extrativistas que: nunca tinham participado de qualquer ação entorno do tema, até aquele momento; que vinham atuando como representantes das catadoras de mangaba em reuniões e intercâmbios fora de Sergipe; que participaram de capacitações para elaboração de produtos derivados da mangaba (doces, geleias, bolos etc.); que acessavam ao PAA. Essas diferenças trouxeram à tona discussões sobre os critérios utilizados para escolha das representantes nos eventos fora de Sergipe e das comunidades beneficiadas por capacitações, agregação de valor, unidades de beneficiamento, criação de associações e canais de comercialização.

Os encontros estaduais das catadoras de mangaba de Sergipe são espaços onde se pode identificar e refletir sobre a evolução política dessa categoria social, a partir de uma problemática comum mas com experiências de conquistas diferenciadas.

Anexos

Anexo 1. Identidade visual do evento

Designer gráfico: D'Arcy Albuquerque



II Encontro das Catadoras de Mangaba




II Encontro das Catadoras de Mangaba



II Encontro das Catadoras de Mangaba

Aracaju, 7 e 8 de abril de 2009

Anexo 2. Lista de presença



Embrapa
Tabuleiras Costeiras

**Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

LISTA DE PRESENÇA

Encontro: II Encontro das Catadoras de Mangaba
Horário: das 08:30 às 17:30
Data: 07/04/08 e 08/04/2009
Local: Hotel D' burguês
Coordenador: Raquel Fernandes de Araujo Rodrigues

3886 / *participação local*
siue

N.º	NOME	ASSINATURA
1	Adelina dos Santos Cruz	<i>Adelina dos Santos Cruz</i>
2	Adriana de Jesus Pereira	<i>Adriana de Jesus Pereira</i>
3	Aires dos Santos Correia Melo	<i>Aires dos Santos Correia Melo</i>
4	Aldilene Santiago Lima	<i>Aldilene Santiago Lima</i>
5	Alicia Santana Salvados Morais	<i>Alicia Santana Salvados Morais</i>
6	Ana Carla dos Santos Bispo	<i>Ana Carla dos Santos Bispo</i>
7	Ana Paula Conceição de Jesus	<i>Ana Paula Conceição de Jesus</i>
8	Ana Paula Hora Rodrigues	<i>Ana Paula Hora Rodrigues</i>
9	Andreleia Almeida Bispo	<i>Andreleia Almeida Bispo</i>
10	Angela Maria dos Santos Correia	<i>Angela Maria dos Santos Correia</i>
11	Angela Maria dos Santos Ramos	<i>Angela Maria dos Santos Ramos</i>
12	Assilene Tavares dos Santos	<i>Assilene Tavares dos Santos</i>
13	Audenice Santiago de Matos	<i>Audenice Santiago de Matos</i>
14	Benedito Silvestre Ferreira dos Santos	<i>Benedito Silvestre Ferreira dos Santos</i>
15	Camila da Conceição Santana	<i>Camila da Conceição Santana</i>

N.º	NOME	ASSINATURA
16	Celita Correia dos Santos	<i>Melita Correia dos Santos</i>
17	Cícera Lúcia Santana dos Santos	<i>X. Cícera Lúcia S. dos Santos</i>
18	Cláudia Santos Nascimento	<i>Cláudia Santos Nascimento</i>
19	Creildes dos Santos	<i>Creildes dos Santos</i>
20	Daniele dos Santos Araújo	<i>Daniele dos Santos Araújo</i>
21	Dayanna da Anunciação dos Santos	<i>Dayanna da Anunciação dos Santos</i>
22	Dilma Vieira da Silva	<i>Dilma Vieira da Silva</i>
23	Edeilda dos Santos	<i>Edeilda dos Santos</i>
24	Edilma Alves Moura	<i>Edilma Alves Moura</i>
25	Edjane dos Santos	<i>X. Edjane dos Santos</i>
26	Edleno Monteiro Santos	<i>X. Edleno Monteiro Santos</i>
27	Edmundo Moraes dos Santos	<i>Edmundo Moraes dos Santos</i>
28	Edna Domingas Bispo Ramos	<i>Edna Domingas Bispo Ramos</i>
29	Ednalva Tavares dos Santos	<i>Ednalva T. dos Santos</i>
30	Elinete Vieira	<i>Elinete Vieira</i>
31	Erinaldo Bispo dos Santos	<i>Erinaldo Bispo dos Santos</i>
32	Eunice Maria dos Santos Carvalho	<i>Eunice Maria dos Santos Carvalho</i>
33	Genildo dos Santos	<i>X. Genildo dos Santos</i>
34	Geovania dos Santos Bispo	<i>X. Geovania dos Santos Bispo</i>
35	Gicélia de Jesus Souza	<i>Gicélia de Jesus Souza</i>
36	Gilda Euclides dos Santos Cardoso	<i>SILDA ASSINOU ATRÁS</i>
37	Ginaldo Custodio Lessa	
38	Girailda de Jesus Santos	<i>X. Girailda de Jesus Santos</i>
39	Gislene Peixoto da Silva	<i>Gislene Peixoto da Silva</i>
40	Iracema dos Santos Tavares	<i>Iracema dos Santos Tavares</i>
41	Iraci Silva Santos	<i>Iraci Silva Santos</i>

N.º	NOME	ASSINATURA
42	Ivanice Martins dos Santos	<i>Ivanice Martins</i>
43	Jaila Antônia Carlos Santos	<i>Jaila Antônia Carlos Santos</i>
44	Jenilza dos Santos	<i>Jenilza dos Santos</i>
45	Jerlande Izidório Nascimento	<i>Jerlande Izidório Nascimento</i>
46	Jéssica da Conceição dos Santos	<i>Jéssica da Conceição dos Santos</i>
47	Joaninha Gomes dos Santos	<i>Joaninha Gomes dos Santos</i>
48	Joelma Gonçalves Santos de Jesus	<i>Joelma Gonçalves Santos de Jesus</i>
49	José Milton do Nascimento	<i>José Milton do Nascimento</i>
50	Josefa Batista Santos	<i>Josefa Batista Santos</i>
51	Josefa da Conceição	<i>Josefa da Conceição</i>
52	Josefina Castor Izidório	<i>Josefina Castor Izidório</i>
53	Josefina dos Santos	<i>Josefina dos Santos</i>
54	Linaldo Gonzaga dos Santos	<i>Linaldo Gonzaga dos Santos</i>
55	Lindalva dos Santos	<i>Lindalva dos Santos</i>
56	Lionete da Conceição Santos	<i>Lionete da Conceição Santos</i>
57	Lúcia de Jesus Santos	<i>Lúcia de Jesus Santos</i>
58	Lucilene Santiago dos Santos	<i>Lucilene Santiago dos Santos</i>
59	Luzia dos Santos	<i>Luzia dos Santos</i>
60	Luziene dos Santos	<i>Luziene dos Santos</i>
61	Márcia Esteves dos Santos	<i>Márcia Esteves dos Santos</i>
62	Maria da Glória Garcia dos Santos	<i>Maria da Glória Garcia dos Santos</i>
63	Maria das Dores dos Santos	<i>Maria das Dores dos Santos</i>
64	Maria das Graças Elvira Pereira Santos	<i>Maria das Graças Elvira Pereira Santos</i>
65	Maria de Lourdes Jerônimo	<i>Maria de Lourdes Jerônimo</i>
66	Maria de Oliveira Santos	<i>Maria de Oliveira Santos</i>
67	Maria do Carmo dos Santos	<i>Maria do Carmo dos Santos</i>

Quel

N.º	NOME	ASSINATURA
68	Maria do Carmo dos Santos	Maria do Carmo dos Santos
69	Maria Domingos da Anunciação	Maria Domingos da Anunciação
70	Maria Doralice dos Santos Hora	Maria Doralice dos Santos Hora
71	Maria Edileuza Moura dos Santos	Maria Edileuza Moura dos Santos
72	Maria Edilze da Cruz	Maria Edilze da Cruz
73	Maria Emilia dos Santos Barbosa	Maria Emilia dos Santos Barbosa
74	Maria Evangelista da Cruz	Maria Evangelista da Cruz
75	Maria Floraci Cardoso Ramos Chagas	Maria Floraci Cardoso Ramos Chagas
76	Maria Francisca dos Santos	Maria Francisca dos Santos
77	Maria Genilde dos Santos	Maria Genilde dos Santos
78	Maria Helena Ramos Santos	MARIA Helena Ramos Santos
79	Maria Jaqueline Moura dos Santos	Maria Jaqueline Moura dos Santos
80	Maria Jussara Barbosa Santos	Maria Jussara Barbosa Santos
81	Maria Laura da Silva	Maria Laura da Silva
82	Maria Sabina dos Santos	Maria Sabina dos Santos
83	Marilene Santos Correia	Marilene Santos Correia
84	Marinalva da Hora Santos	Marinalva da Hora Santos
85	Marizete dos Anjos Filho	Marizete dos Anjos Filho
86	Marizete Santos Nascimento	Marizete Santos Nascimento
87	Marlene Vieira dos Santos	Marlene Vieira dos Santos
88	Marli Bispo dos Santos Santana	Marli Bispo dos Santos Santana
89	Nair Carvalho do Nascimento	Nair Carvalho do Nascimento
90	Orlando Carmo da Silva	Orlando Carmo da Silva
91	Patricia Santos de Jesus	Patricia Santos de Jesus
92	Priscila Evelyn dos Santos Silva	Priscila Evelyn dos Santos Silva
93	Rafaela Tavares de São Mateus	Rafaela Tavares de São Mateus

N.º	NOME	ASSINATURA
94	Regina Matos de Almeida	Regina Matos de Almeida
95	Rita de Cássia Pereira de Andrade	+ Rita de Cássia P. Andrade
96	Robson Valido de Santana	x Robson Valido de Santana
97	Rosilde de Jesus Santos	Rosilde de Jesus Santos
98	Silvana Correia dos Santos	Silvana Correia dos Santos
99	Thacio Martins do Nascimento	x Thacio Martins do Nascimento
100	Valdelice Barreto de Matos	Valdelice Barreto de Matos
101	Valdelice Santos Correia	Valdelice Santos Correia
102	Vera Alves Lima	Vera Alves Lima
103	Virgínia Rodrigues dos Santos	Virgínia Rodrigues dos Santos
104	Zulina dos Santos	Zulina dos Santos
105	ROBSON DOS SANTOS	Robson dos Santos
106	Silda Lucides dos Santos	Silda Lucides dos Santos
107	Quatrane Barreto Andrade	Quatrane Barreto Andrade
108	ROSA MARIA SARINHA	Rosa Maria
109	INATUA JOSE SANTOS (STA. MARIA)	INATUA JOSE SANTOS
110	MATUA DE LUNDES DA CRUZ SANTOS II	x M ^{te} de Lundes das Cruz
111	IRAILDES SANTOS DA CRUZ	x Iraildes das Cruz
112	ARTEMIO DOS SANTOS	x Artemio dos Santos
113	GENILSON DA SILVA SANTOS	Genilson da Silva
114	GINALDO DA SILVA SANTOS	GINALDO DA SILVA DOS SANTOS
115	NAMUEL ALVES DOS SANTOS	x Namuel da Silva Santos
116	HALDO DOS SANTOS	x Haldo dos Santos
117		
118		
119		

Anexo 3. Minuta da Ata da Assembleia Geral Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM)

Presidente: Alcía Santana Salvador (presidente do MCM)

Relatores: Patrícia Santos Jesus (MCM) e Emanuel Oliveira Pereira (Incra– SE)

Aos oito dias do mês de abril de 2009, durante o II Encontro das Catadoras de Mangaba, reuniram-se em Assembleia Geral as catadoras e catadores de mangaba do Estado de Sergipe, às quatorze horas, para deliberarem sobre a seguinte pauta: 1 - Leitura e aprovação de Carta de Solidariedade aos agricultores do Aeroporto Santa Maria; 2 – Leitura e aprovação da Carta do II Encontro das Catadoras de Mangaba e, 3 – Eleição e posse da Direção do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM). A reunião foi presidida pela Presidente do MCM, Alicia Santana Salvador Moraes, e secretariada por Patrícia Santos de Jesus. Iniciada a assembleia, foi feita a leitura da Carta de Solidariedade aos agricultores do Bairro Santa Maria, que catam mangaba na área do Aeroporto Santa Maria, em Aracaju, cujas mangabeiras estão sendo eliminadas para a construção de conjuntos habitacionais através de Programa desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Aracaju, em parceria com os Governos Estadual e Federal. Procedida à leitura, a Carta foi aprovada por unanimidade. Dando prosseguimento, foi feita a leitura da Carta do II Encontro das Catadoras de Mangaba, elaborada por uma comissão. Após a leitura, não havendo qualquer destaque, a Carta foi aprovada por unanimidade. Na sequência, Alicia Moraes encaminhou o terceiro e último ponto da pauta, qual seja, a escolha da Direção do Movimento das Catadoras de Mangaba, informando que a delegação de cada município presente ao encontro escolhesse a sua representação na direção, composta por um titular e um suplente, os quais se reuniriam para a posterior escolha dos cargos de presidente e vice-presidente, salientando que as representações poderiam ser reeleitas por mais um período. Após as orientações, a mesa concedeu alguns minutos para que cada delegação escolhesse as suas representações, as quais ficaram assim definidas: pelo Município de Aracaju, Djenaldo da Silva Santos (Titular) e Artêmio dos Santos (Suplente); pelo Município de

Barra dos Coqueiros, Patrícia Santos de Jesus (Titular) e Geovânia Santos Bispo (Suplente); pelo Município de Indiaroba, Alicia Santana Salvador Moraes (Titular) e Celita Correia dos Santos (Suplente); pelo Município de Itaporanga D'Ajuda, Ana Paula Hora Rodrigues (Titular) e Marlene Vieira dos santos (Suplente); pelo Município de Japaratuba, Maria Edileuza Moura dos santos (Titular) e Elinete Vieira (Suplente); pelo Município de Japoatã, Gislênia Peixoto da Silva (Titular) e Floraci Cardoso Ramos Chagas (Suplente); pelo Município de Pacatuba, Linaldo Gonzaga dos Santos (Titular) e Edleno Monteiro Santos (Suplente); pelo Município de Pirambu, Maria Domingas da Anunciação (Titular) e Sílvia Euclides dos Santos (Suplente); pelo Município de Santo Amaro das Brotas, Ana Carla dos Santos Bispo (Titular). Dando andamento à assembleia, a presidente da sessão solicitou que as recém escolhidas representações dos municípios se reunissem em separado e elessem os nomes para os cargos de Presidente e Vice-Presidente da entidade, para o que foi concedido um espaço de tempo necessário para a eleição. Em seguida, as representações informaram os nomes de Patrícia Santos de Jesus e Alicia Santana Salvador Moraes, para os cargos de Presidente e Vice-Presidente, respectivamente. Imediatamente, os eleitos foram empossados. A Presidente do Movimento das Catadoras de Mangaba, Patrícia Santos de Jesus, usou da palavra, salientando que faria todo o esforço para, ao lado de Alicia, buscar vencer os problemas e desafios enfrentados pelas catadoras de mangaba, constantes da Carta do Encontro aprovada. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Assembleia Geral, tendo eu, Patrícia Santos de Jesus, que secretariei a reunião, lavrado a presente Ata, que depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e, conforme lista anexa, por todos os catadores e catadoras presentes.

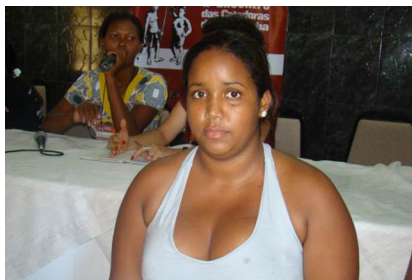
Anexo 4. Galeria de imagens



As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida



As Catadoras de Mangaba em Defesa dos seus Modos de Vida





Tabuleiros Costeiros

Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

